

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.196

Sexta-feira, 20 de Outubro de 1922

PREÇO—10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhah-Lisboa\*Telefones 5339-9

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

## BASTA! BASTA! UMA SÓ INTERNACIONAL

### Que os exploradores nos deixem respirar SENÃO -- NÃO!

Quando, daqui a algumas centenas de anos, historiadores escrupulosos revelarem aos seus felizes contemporâneos o que foi a vida popular em pleno século XX, grande será o espanto de toda a gente perante a resistência moral e física de que, perante tanto sofrimento, estamos dando prova.

A vida é actualmente uma tortura tão cruel, tão desumana que chega a faltar a coragem para erguer contra os exploradores o nosso protesto mais do que legítimo.

E' demasiado o que se está sofrendo. Não há forças humanas que resistam a tanta extorsão. Recebe-se a fêria e vê-se voar o dinheiro numa velocidade inacreditável sem que à primeira vista acertemos nas razões misteriosas desse voo.

Mas medita-se um pouco, lançam-se à vida contas rigorosas e ficamos assombrados com o que apuramos. Ele são os géneros caros do mercador que cada vez mais enriquecem, são as hortaliças pela hora da morte, as frutas que subiram a preços formidáveis, a renda da casa esmagadora, o concerto das botas por tanto dinheiro como por umas botas novas, roupas impossíveis de alcançar, tudo, enfim se aglomera e avoluma pesadamente sobre o dorso curvado e débil do triste consumidor. E é tão forte a carga que ele esmagado, oppresso, quasi sem poder respirar, nem forças tem para gritar:

—Ladrões! Ladrões!

Desde quando andam os governos a prometer medidas eficazes que retirem dos nossos ombros o pesado fardo da vida cara? Desde quando? E a vida continua a enriquecer. E a vida constitui cada vez maior tormento.

Haverá ainda alguém que confie nas tais medidas do governo? Que faz o governo? Dorme, dorme sobre o vulcão.

O povo não pode suportar tam grande albarda. Há uns poucos de anos que o picam, que o desafiam, que o vão enchendo de surdo rancor. A explosão—se as cousas continuarem assim—dar-se há violenta, irreprimível. E depois não faltarão trabalhos e medidas do governo, muitas medidas para meter na ordem os desordeiros.

Se a miséria que nos bairros pobres se acolta vier um dia à luz do dia—assombrar o burguez que não saberá de onde saiu tanto pária—para exigir contas, rigorosas contas de quanto sofreu, digam depois que as turbas são bárbaras e injustas!

Há que arrear caminho. Que façam alto os exploradores na sua marcha forçada para a ambição delirante, cujas consequências desastrosas os atingirão inexoravelmente.

E' necessário que o povo trabalhador envie aos ladrões do comércio e da indústria um ultimato enérgico decisivo: ou cessam as extorsões infames ou ele fará justiça por suas próprias mãos!

## Uma conferência dos chapeleiros portugueses

### A reunião preparatória dos seus trabalhos

A Federação da Indústria de Chaparia tinha resolvido efectuar uma conferência nacional dos operários chapeleiros. Para se iniciarem os trabalhos preparativos dessa referida conferência, reuniu-se, sob a presidência do secretário geral daquele organismo federativo, os delegados especiais das associações profissionais da indústria de chaparia, assim como os operários e operárias das fábricas, oficinas, etc., exceptuando-se o pessoal das lojas de chapas das ruas Formosa, Santa Catarina e Si da Bandeira. A assembleia condeou acerbamente o procedimento do pessoal daquelas lojas mencionadas, ficando resolvido manifestar-lhe o seu mais profundo descontentamento pela maneira lamentável com que se desprazem de cumprir o cumprimento integral dos seus deveres de camaradagem e solidariedade, dando origem a que, de futuro, sejam tomadas medidas atinentes a corrigir semelhante falta de compreensão operária.

A presidente, uma vez entrando-se na ordem dos trabalhos, proferiu um discurso entusiástico e eloquente, saudando efusivamente todos os delegados presentes, terminando por, detalhadamente, expor os fins daquela reunião e por demonstrar a importância moral, profissional e material de todos os assuntos que requerem urgência e solução. A seguir foi lida a seguinte ordem dos trabalhos a tratar na Conferência Federal:

- 1.º—Revista de mandatos dos delegados e aprovação do regulamento da Conferência.
- 2.º—Relatório e contas da Comissão Executiva.
- 3.º—Discussão e votação dos estatutos da Federação da Indústria.
- 4.º—A futura posição sindical e federativa dos chapeleiros perante a respectiva Internacional e a C. G. T. Portuguesa.
- 5.º—Eleição do Conselho Federal.
- 6.º—Apreciação da finalidade dada ao recente movimento grevista da classe de S. João da Madeira.

Todos os assistentes concordaram com esta elaboração de ordem de trabalhos e seus assuntos.

A discussão, depois, incidiu sobre a melhor maneira de se conseguir recruta tendente a tornar o mais grandioso possível a representação directa na Conferência, não só das associações dos operários chapeleiros, mas ainda das fábricas e oficinas dos diferentes ramos da indústria. Por fim, tomaram-se estas resoluções:

- a) Que o pessoal de cada fábrica de chapas existente em Portugal pague integralmente as despesas dos seus dois delegados na pessoa do Sr. «Fula» e outro pela oficina da «Apropriação».
- b) Que esses delegados, por seu turno, representem igualmente o pessoal das restantes secções de trabalho das mencionadas estabelecimentos fabris.
- c) Que os operários das lojas de chapas, em cada localidade que se exerce a indicada profissão, pague por identice

### Mas autónoma, sem subordinação forçada a partidos políticos, verdadeiramente sindicalista revolucionária — eis o que é necessário, eis o que pretendeu o Congresso da Covilhã

Temos procurado demonstrar as razões que levaram o Congresso da Covilhã a não votar a adesão, em princípio, à I. S. V. para podermos desfazer o equívoco daqueles que, sem o mais leve exame, supuseram ter a decisão do Congresso contribuído para a negação dos princípios e práticas revolucionárias da organização sindical.

Quasi no termo das nossas considerações e sem pretendermos discutir propriamente a tese Relações Internacionais, nós somos chegados ao momento de frisar que a adesão aos princípios de Berlim só veio precisar melhor, sem ambiguidades possíveis, a posição da organização operária portuguesa, tendo aquela decisão a virtude de contribuir mais para que os estatutos e orientação da I. S. V. se modifiquem por forma que os organismos nacionais revolucionários de cada país encontrem em uma só Internacional a base para um comum entendimento, do que se a adesão houvesse sido dada.

O Congresso da Covilhã condeou não votou propriamente uma nova Internacional. Também o Congresso reconheceu que uma só Internacional, mas sindicalista revolucionária e assente nos princípios constantes da tese Organização Social Sindicalista, que por unanimidade foram votados, deveria existir.

E porque a I. S. V. não é sindicalista revolucionária, mas comunista-estativista, é que o Congresso não votou a sua adesão à mesma, ainda que em princípio — e isto porque, como já frisamos, seria a negação dum princípio pelo Congresso já sancionado.

Mais ainda, bem vistas as coisas: O Congresso da Covilhã confirmou integralmente os princípios fundamentais constantes das conclusões da tese Relações Internacionais.

A conclusão 2.ª diz:

«No organismo internacional, de base essencialmente de classe, todos os seus membros ou elementos componentes devem conservar as suas características próprias.»

Na conclusão 4.ª estabeleceu-se que a adesão definitiva a Moscú só seria dada «desde que fique salvaguardada a nossa autonomia, a nossa independência de qualquer partido ou agrupamento político e respeitada a nossa maneira de ser.»

Ora, que é que pretende Berlim? Exactissimamente a mesma coisa. Pretende «uma única Internacional Sindical Revolucionária» onde todos os seus membros ou componentes conservem as suas características próprias, a sua maneira de ser, com autonomia e independência de qualquer partido ou agrupamento político.

Nada mais. Para o demonstrar basta fazer de novo a transcrição da parte mais essencial do documento enviado de Berlim a Moscú, e que nos dispensa outras considerações e em que a questão é claramente posta.

«A questão primordial, que está muito acima de todas as outras, consiste em constituir uma única Internacional Sindical Revolucionária.

«Em muitas ocasiões a I. S. V. tem proclamado a necessidade absoluta de fazer a unidade do movimento operário internacional. Se a I. S. V. toma este problema a sério, se esta ideia é para ela mais alguma coisa que uma simples fórmula, o nosso fim é idêntico e a nossa preocupação é comum.

«Se é este caso — e não poderá ser outro — temos a encargar as bases sobre as quais é possível um entendimento,

para as tarifas passaram a ser as seguintes: 1 zona, 30 centavos; 2 zonas, 40; 3, 50; 4, 60 e 5, 70. Bilhetes de assinatura, 375\$00 por semestre.

A Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos pede que as tarifas passem a ser as seguintes: 1 zona, 30 centavos; 2 zonas, 40 e subida ou descida, 20. O preço de assinatura por semestre pede para ser de 100\$00. Vamos ter dansa...»

Foram nomeados amanuenses os escripturários contratados Manuel Vaz Ferreira e José Marques Resina.

EM ALMADA

Pró-«A Batalha»

Recebemos da comissão pró-«A Batalha», que em Almada efectuou um espectáculo a favor deste jornal, a quantia de 571\$90 bem como o caderno de receita e despesas do referido espectáculo, que conferimos.

Também recebemos da Associação dos Medidores de Cereais a quantia de 16\$00.

A MORTE DE MANUEL MARIA

O apelo do Sindicato dos Manufactores de Calçado

Continua hoje, como nos últimos dias, na sede do Sindicato Ferroviário, das 21 horas em diante, um membro da comissão administrativa do Sindicato dos Manufactores de Calçado para receber os donativos da classe em auxílio das despesas com o funeral do camarada Manuel Maria.

«Quais são, respectivamente, as nossas posições?

«Em primeiro lugar, devemos constatar que estamos em desacordo sobre os princípios fundamentais do sindicalismo revolucionário e sobre o papel dos partidos políticos na revolução. O acordo não pode ser realizado senão sobre uma Plataforma de Tolerância Mútua. A única possibilidade de entendimento seria por consequência sobre o terreno de acção pré-revolucionária. A revolução se encarregará em cada país de fazer o resto. E não assiste certamente ao comité executivo da I. S. V. o direito de nos acusar de querer fazer uma conferência de camaradas de tendências e de querer organizar «um partido anarco-sindicalista». Foi sobretudo o congresso da I. S. V. que deu toda a impressão de se tratar de um congresso de determinação de tendências, que tem organizado no seio do movimento operário um sindicalismo político de base francamente comunista-estativista.

Somos opostos às Internacionais setoriais e de partido como a I. S. V. e podemos já prever que na Internacional única, três grupos ideológicos se encontrarão e viverão ao lado uns dos outros:

a) As Centrais que aceitam a subordinação completa da Internacional Sindical Comunista e das Centrais nos partidos nacionais (como a Central russa).

b) As Centrais que aceitam a ligação orgânica e a inter-penetração nacional e internacional.

c) As Centrais que reivindicam a autonomia completa nacional e internacional.

A condição «sine qua non» dum «viva em comum» estaria no respeito absoluto e formal de cada movimento nacional; quer dizer, cada movimento nacional teria a livre escolha de «se subordinar», de «se ligar» ou de «ficar livre» segundo a sua própria concepção.

«Poder-se-ia desta maneira resolver a questão do acordo pré-revolucionário, seja «por acordos circunstanciais» ou pelo «contacto permanente e orgânico».

A unidade do «front» seria portanto realizada nacionalmente pela acção revolucionária.

«Seria necessário que a Internacional cujo fim é assegurar a coordenação dos esforços nacionais, se tornasse «livre» nas suas manifestações exteriores e no seu Executivo.

«Pois que a Alemanha, a França, a Itália, a Suécia — e às quais se veem juntar brevemente a Holanda — para não falar senão da Europa se colocam neste terreno é que temos admitido ser a condição primária, sem a qual a constituição dum movimento internacional se torna impossível — o segundo Congresso não deve deixar de aceitar.

«Uma tal decisão em favor da unidade será certamente tomada na maior consideração no Congresso de Berlim — que se realiza de qualquer forma após o Congresso da I. S. V. — e não duvidamos se nesse momento, após o referido Congresso, sobretudo se os delegados presentes em Moscú, participarem ao Congresso

NOTAS & COMENTÁRIOS

Assim fala Berlim. Não é isto acaso a linguagem verdadeira, sincera do Sindicalismo e da Revolução? Acaso não está de acordo com as conclusões já frisadas da tese Relações Internacionais?

Aqueles que supõem que se pretende outra Internacional, sobretudo três que nos escreveram, um que não assina e outro dos quais ninguém conhece, que leiam e releiam bem a transcrição.

«A solidariedade operária»

Na sede da Associação dos Manipuladores de Fósforos, rua do Açúcar, 128, realiza uma conferência no próximo domingo, pelas 13 horas, o dr. sr. Ramada Curto, que versará o tema «A solidariedade operária».

NO ARSENAL DE MARINHA

Lançamento do contra-torpedeiro «Tâmega»

Amanhã, pelas 14 horas e meia, terá lugar o lançamento do contra-torpedeiro «Tâmega», ficando o pessoal que se apresentar de manhã, dispensado do ponto da tarde.

Só é permitida a entrada a pessoas munidas de bilhetes que também serão exigidos ao pessoal fabril. O ingresso no Arsenal só será permitido às 13 horas. A direcção da Caixa de Pensões do Arsenal da Marinha promove, por ocasião do lançamento, uma «festa», para o que mandou imprimir um soneto que enaltece os fins da Instituição.

O «Tâmega» pertence ao tipo dos contra-torpedeiros «Douro», «Guadiana» e «Vouga», também construídos no Arsenal; desloca 670 toneladas, mede 73m, 15 de comprimento, 7m, 6 de boca e 2m, 34 de imersão. As suas 3 turbinas têm a força de 11.000 cavalos e uma velocidade máxima de 30 milhas.

Lêr TRABALHO. na 3.ª pág.

### Basta! Basta! Que façam alto os exploradores na sua marcha para a ambição delirante! Basta! Basta!

## OS MINEIROS

### Prossegue a greve e a solidariedade continua a afirmar-se exuberantemente

Continua a interessar ao operariado o grandioso movimento grevista dos mineiros de Aljustrel.

Os apelos que A Batalha tem publicado estão sendo correspondidos, continuando a afluír à nossa redacção e à C. C. T. camara-das que pretendem tomar conta de crianças, filhos dos grevistas.

Ontem, além de grande número de camaradas cujos nomes dia a dia publicamos, apresentaram-se oferecendo o seu desinteressado acolhimento às pequenas vítimas os camaradas Mário Cabrita da Silva, Amadeu dos Santos Ramos, António Francisco da Cruz, Manuel de Sousa Pinto, Bernardino António Júnior, António Caetano, Artur da Piedade e Acácio Antunes Ferreira. Também um grupo de descarregadores do Caramujo se ofereceu para tomar conta duma criança.

A assembleia geral da Associação dos Modifcadores de Cereais, reunida ontem, abriu uma quota que rendeu 40\$00 a favor dos mineiros e metalúrgicos em greve.

## Classes que reclamam

### Operários das obras do Estado

Reuniram os Sindicatos Unico da Construção Civil e dos Aparelhadores e Encarregados das obras públicas, para as suas comissões de Melhoramentos darem conta dos trabalhos efectuados sobre o aumento de salário.

Pelos delegados das respectivas comissões, foram expostas as reivindicações realizadas até à solução da reclamação feita, procedendo-se à leitura da tabela dos preços aprovada pelo ministro interino do Comércio, que é a seguinte:

Mestre de obras, 9\$00; mestre de oficina, 8\$20 a 8\$50; Entalhadores, 7\$50; carpinteiros, 6\$00 a 8\$00; Serradores, 5\$50; Pedreiros, 6\$00 a 7\$50; Estuqueiros, 6\$50 a 8\$00; Modeladores, 8\$00; Formadores, 8\$00; Fingidos, 6\$50 a 7\$50; Pintores, 6\$00 a 7\$00; Funtileiros, 7\$50; Canteiros ornatais, 8\$00; idem, moldadores, 7\$50; idem de lizo, 6\$00 a 7\$00; Serralheiros, 6\$50 a 7\$50; Ferreiros, 7\$00; ajudantes de ferreiro, 5\$00 a 6\$00; Cabouqueiros, 5\$50; Trabalhadores, 4\$50 a 5\$00; Cateiros e aprendizes, 3\$50 a 4\$50.

Sobre o assunto falaram alguns operários que protestaram contra as disparidades manifestadas na referida tabela, caso este que também foi salientado pelas comissões e que ante as entidades competentes tratariam do assunto a fim de concretizar melhor os salários de umas às outras classes, sendo por fim aprovada a seguinte moção nos dits organismos:

«Considerando que apesar dos esforços empregados pelas comissões de melhoramentos do Sindicato Unico da Construção Civil e Aparelhadores e Encarregados das Obras Públicas, actualmente mestres de obras e de oficinas, na reclamação de salário para os seus componentes, não satisfizer ainda as justas aspirações dos respectivos organismos;

Considerando ainda que, tendo o Estado-patrão feito aos nossos camaradas que trabalham nos Estabelecimentos fabris maior aumento de salário, o que representa para mais de 50 %, do que nos foram feitos;

Os mestres de obras de oficinas e operários que trabalham nas obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais, reunidos nos seus sindicatos resolvem;

1.º Trabalharem as comissões de melhoramentos em conjunto, ante o Ministro do Comércio e Comunicações e Administrador Geral para que os salários dos mestres e operários sejam equiparados aos dos Estabelecimentos Fabris do Estado, pela circunstância de nos mesmos estabelecimentos haver operários da Construção Civil trabalhando, razão mais que suficiente para o patrão-Estado fazer essa equiparação;

2.º Não deixar de mão o assunto até uma satisfação completa e fazer tanta propaganda quanto for necessária a fim de impulsionar as entidades competentes a satisfazer esta nossa reclamação. E dar à publicidade no jornal A Batalha e nos jornais diários que a isso se prestarem, esta moção».

As comissões na próxima segunda-feira iniciarão os seus trabalhos, não só para a referida equiparação, como também para controlar os preços expostos na tabela e que os chefes de secção não prejudiquem os interessados entre os máximos e mínimos.

Os ferroviários do Minho e Douro e a carrapata das subvenções — Uma reunião em que se protesta contra a forma como elas foram distribuídas

Na sede da União Ferroviária, reuniram, em avultado número, os ferroviários jornalheiros do Minho e Douro. O fim principal desta assembleia foi motivado no grande descontentamento que lavra naquele humilde pessoal, que tem direito a melhor tratamento por parte dos poderes públicos e que, infelizmente, assim não sucede.

Esse referido descontentamento é derivado da disparidade flagrante que existe na distribuição das subvenções por categorias, dando como resultado ficarem classes com remunerações superiores àquelas que os dits jornalheiros percebiam do anterior.

Acêrca desta momentosa questão, que traz agitados os empregados do Estado de diferentes especialidades, fa-

laram diversos membros da Comissão de melhoramentos do pessoal das cidades linhas férreas, pormenorizadamente expõem as diligências levadas a cabo, em Lisboa, junto das entidades superiores, que lhes manifestaram concordância absoluta nas reclamações apresentadas pelo membro da Administração Geral, Rosa Mateus.

Os ferroviários, como é natural, encontram-se num vivo estado de efervescência, principalmente os operários das oficinas gerais de Campanhã, pois alguns, segundo indagamos, ficam simplesmente com um aumento mensal de 12\$00, que é quanto lhes concede o decreto-burra das subvenções, tam rudemente combatido.

A assembleia deliberou apoiar os seus camaradas do Sul e Sueste, que igualmente foram atingidos por semelhante aborto, resolvidos a manterem o mesmo espírito de revolta até que o governo os atenda, como é de razão.

Referindo-se, depois, à organização em vigor, ou seja o decreto n.º 5.606, que, respeitante ao pagamento por substituições ou categorias superiores e outros pontos, tem sido desvirtuado a bel prazer de cada serviço, deixando-se de se cumprir as suas legais determinações — ficou assente encetar-se uma intensa propaganda no sentido do supramencionado decreto ser respeitado convenientemente.

Outro sim foi resolvido reclamar para que sejam efectuadas as promoções e nomeações necessárias, tendo tal anormalidade originado que os variados quadros se encontrem completamente vazios e permaneçam na mesma categoria, por largo espaço de tempo e sem precisão, entidades determinadas que veem desempenhando funções superiores e que, segundo a categoria, não lhes pertence executar.

A reunião, que foi agitada por uma discussão acalorada, na qual bem patentemente se revelou o estado de excitação em que se encontra a classe, terminou às 0 horas.

Ferrovários do Sul e Sueste (Delegação de Casa Branca)

CASA BRANCA, 18.—Para tomar conhecimento das resoluções tomadas na assembleia da sede, reuniu o pessoal desta delegação, presidido Custódio Bota, do pessoal da via, e secretariado Feliciano José, do movimento, e António Francisco Palmela, do material circulante.

A assembleia por unanimidade aprovou a moção de Miguel Correia, fazendo uso da palavra vários oradores que se referiram à maneira vexatória como as diferenças de vencimentos foram feitas, contra o que protestaram.

Pessoal da Carris de Ferro

Reuniu em assembleia magna com grande concorrência para a comissão de melhoramentos dar conta do resultado das demarches realizadas até hoje, a qual comunicou que a companhia está pronta a atender as reclamações no que diz respeito a aumento de salário e Caixa de Reformas, mas não atende as reclamações que dizem respeito à readmissão do pessoal despedido da última greve e anulação dos contratos. A assembleia deliberou, por uma moção apresentada por Santos Júnior, retirar as reclamações acima referidas que a Companhia não aceita.

Revulsivos

Morreu, no Porto, o banqueiro Pedro de Tal Araújo. Não sei se ele era tripeiro. Mas ouvi que ficou sujo. Numa questão de dinheiro.

Dizem, porém, que a proeza deu motivo a uma lenda. Dna mulher que, de certa, A' sua grande fortuna. Aumentaram a grandeza.

No negócio americano. Dos tais cincoenta milhões, A' maneira do cigano. Ele e outros figuras. Foram mestres no engano.

Noutros tempos quem fizesse A qualquer essa partida. Não morria que tivesse Lá no céu boa guarda. Que o bom São Pedro lhe desse.

No interior e num torremso. Li acabar. Hoje, então. Há, no céu, maraus, a ésmo. Pois São Pedro — com razão — Já «vai feito» e anda ao mesmo.



## COLISEU - DOS - RECREIOS

Da Vie Ouvrière nos utilizamos para a publicação dos extractos do Congresso da C. G. T. U. realizado em Saint-Etienne. Aquella jornal publicou de Losovsky o discurso na integra, enquanto que de Borghi apenas publicou uns ligeiros topicos. Guiados por aquela forma fizemos o mesmo. Deparou-se-nos depois o discurso de Losovsky na integra, mas noutro jornal. Losovsky e Borghi eram ambos estrangeiros.

Entendemos, pois, que tendo nós publicado o discurso completo de um, devemos, embora tarde, publicar na integra o discurso do outro, tanto mais que é a resposta ao do primeiro, abstenção de apreciar as razões porque Vie Ouvrière não procedeu do mesmo modo.

Experimento a mesma dificuldade que vos confessava esta manhã o camarada Losovsky; experimento-a mais que ele porque nós italianos não temos tam a meido como os russos necessidade de nos explicarmos em francos.

Há um grande inconveniente quando devemos servir-nos de um idioma que não é o nosso para a polémica, ou seja, para fazer duas operações cerebrais simultâneas: Pego, pois, sobre isto a vossa indulgência.

Esta manhã fui designado como uma espécie de anti-Losovsky, e isto pelo camarada Moumousseau que julgou do seu dever evidenciar que se de um lado se impedia Losovsky, se impediria do outro que Borghi falasse. Não compreendi porque.

Compreendo-o agora, depois de ter escutado o discurso de Losovsky. Talvez soubesseis o que eu ia dizer e porisso havia certa lógica na designação de antilosovkiano que me foi aplicada.

Mas não sou eu que criei esta situação, são os outros, é Losovsky mesmo, que lamenta não ver aqui agora.

Um delegado:—Não pode estar aqui. Borghi:—Lastimo. Se eu tivesse falado primeiro nessas condições para provocar, como ele fez, questões de política, teria pedido que se começasse as nove a fim de dar a outros camaradas tempo de responder antes da minha partida. Primeiro que tudo deveria ter-se posto de acordo com o Bureau.

Um delegado:—Era preciso diz-lo. Borghi:—Losovsky disse também que estava aqui sem passeio. Não sei se com essa afirmação quiz dizer que nos foi fácil entrar em França. Eu sei bem que se nos dão facilmente passaportes para ir ao estrangeiro, nada indica que ao voltar a Itália não nos encarcerem.

Em 1920 pedi passaportes para ir a Rússia; obtive-os, não para ir a Moscú, mas só para sair da Itália. Isto não impediu que ao entrar no meu país me procurassem imediatamente por causa da ocupação das fábricas e da minha actividade nesse movimento e me encarcerassem, depois que a C. G. T. reformista, com a ajuda dos chefes do partido socialista e que o só agora do comunista—traíram o movimento de ocupação das fábricas.

(Ap. ausos). A questão dos passaportes é uma questão delicada. Mas aqui há um camarada que não tem passaporte; permanece entre nós, toma parte no debate e ficará aqui depois de ter exposto o seu ponto de vista.

Esta questão dos passaportes foi abordada há pouco no discurso de Losovsky. Disse ele: «Se quereis fazer em Itália conferências internacionais é preciso garantir-nos a liberdade». Não é

HOJE—Festa artística do notável barítono GUIDO CHECCHI com a aplaudidíssima opereta em 3 actos

ONDE CANTA A COTOVIA  
A'manhã—A pedido geral—Última representação AGUA SERENA

## EM SAINT-ETIENNE

Em defesa do Sindicalismo Revolucionário  
A resposta de Borghi ao discurso de Losovsky

coisa fácil o garantirmos a liberdade, quando a não temos para nós próprios, quando não sabemos se ainda temos direito a viver.

Mas não se teria nunca criado a Internacional, nem a primeira, nem a segunda, se se estivesse à espera dessa garantia.

Seja como quizerem, eu conheço as dificuldades que há, na própria Rússia, para os passaportes. Vi em Berlim a minoria sindicalista russa.

Camarada Moumousseau: eu creio que tu és de boa fé e te atraioas a ti mesmo. E a minha opinião. Não é um compromisso! Oh, se tu tivesses visto esses camaradas! Emigrados? Sim, se assim o quizerdes, mas como os de Coblenza. São expulsos, e isto é diferente. E por isso que não podem obter passaporte para ir para a Rússia.

### Como morreram?

Conheci outras dificuldades para voltar da Rússia. Os camaradas Lepetit e Vergeat assassinados na Rússia não puderam voltar para a Europa.

Conheci Lepetit e Vergeat; encontrei-os em Moscú, na véspera da minha partida, e se eles não voltaram e porque o governo bolchevique não concedia as garantias que Losovsky exige de nós. Rogo aos camaradas que prestem atenção ao que vou dizer. Quando sai

de Moscú, disseram-me: «Borghi, vai partir com estes papeis, poderás justificar um falso nome, chamar-te há, em território russo, Lepetit».

Um delegado:—E' preciso prová-lo. Borghi:—Se é preciso prová-lo, há também que provar o que vós dizeis; por minha parte julgo que a minha palavra basta.

Comquanto muito delicada, eu penso que a questão dos passaportes não impedia Losovsky de ficar aqui a discutir com os delegados no Congresso, Losovsky não esteve com cerimónias.

Trouxe-vos as saudações dos camaradas russos. Por minha parte em tragédias das saudações dos camaradas da Itália. Noutra circunstância esta saudação teria podido promover entusiasmo, como o que promoveu Moumousseau quando foi ao Congresso de Parma de 1919.

Não quero ir buscar argumentos comovedores. Mas se no decorrer deste congresso nos recordássemos das perseguições internacionais, recordar-nos hiamos que em Itália os operários estão submetidos a mais ferozes reacções. Reacção que não vem directamente do Estado, mas que é ordenada pelo Estado.

Essa reacção não trata de justificar-se a lei, mas é protegida pela lei. A reacção dirige-se sobre tudo contra os

extremistas e sindicalistas. Na Itália não temos agora garantias nem para a nossa vida nem para o nosso domicilio. E se se estivesse reunido em Congresso na Itália com todas estas bandeiras vermelhas, talvez se incendiasse esse formoso teatro.

Apesar das dificuldades do idioma, vamos analisar o que disse esta manhã o camarada Losovsky.

Revolucionários sempre Losovsky partiu deste ponto de vista: Atravessamos um período catastrófico do regime capitalista no mundo.

Concebemos a derrocada inevitável e imediata do regime? Fez aqui uma aguda análise, um quadro rápido da situação financeira, industrial, política de todos os principais países capitalistas.

E' esse um velho «cliché» que nos apresentam há alguns anos os ex-socialistas convertidos ao comunismo depois da guerra, alguns depois de ter defendido a guerra. Todo o seu sistema polémico se baseia nesta hipótese: a catástrofe. Nós não ignoramos a situação actual. E' evidente que o regime burguês atravessa em cada país um período grave: vemos isto há anos. Mas não vemos que seja necessária essa situação para existir uma situação revolucionária—no sentido de classe;

e não vemos tam pouco porque, sem essa situação, não se possa ou não se deva trabalhar para a revolução.

E' por isso que nós já éramos revolucionários antes da guerra. Mas esta hipótese poderia também não ser verdadeira, sempre verdadeira. Nenhum de nós é profeta. Sem embargo, não devemos ser cegos ou demagogos. A demagogia não pertence ao sindicalismo. E nós não poderemos negar que o capitalismo tenha recuado para um relativo equilíbrio. A própria intervenção do Estado russo no concerto de outros Estados e a aliança da Rússia com a Alemanha poderá ser um coeficiente apreciável de reacção contra o mal que destrói o regime.

Sem contar as passividades que temos sofrido por nossa parte com as derrotas proletárias em Itália e Alemanha, acontecimentos para que não contribuiriam pouco as adaptações electorais dos comunistas ao odioso sistema parlamentar. Pois bem, o sindicalismo não pode sustentar-se com essas vacuidades retóricas. Não somos revolucionários só porque a situação é catastrófica, mas somo-lo ainda que a situação não o seja. Não somos revolucionários por impossibilidade de ser reformistas.

O sindicalismo não é revolucionário por fatalidade, porque é determinado pelos acontecimentos. Não dizemos que poderemos só com a força da vontade criar a revolução, mas acreditamos poder considerar essa força de vontade como um dos factores determinantes da revolução. Assim, pois, conquanto a situação esteja em estado de encontrar um relativo equilíbrio capitalista, o sindicalismo tem sempre a base para o regime existente.

## COLISEU - DOS - RECREIOS

O parlamentarismo não pode condimentar-se com todas as salsas

E' aqui que o sindicalismo não pode sofrer a inflação por todas as beixas; ontem pelo Blanquismo e pelo Quesadismo, hoje pelo comunismo.

Para que o sindicalismo baste para tudo, não lhe carreguéis as costas um peso, uma armadura de guerra que não pode suportar. O sindicalismo basta-se a si próprio? Sou dos que não creem demasiado nas fórmulas absolutas. O Sindicalismo basta-se há ou não. O que é necessário é que se baste para impedir aos partidos políticos trabalhar na sua destruição. (Aplausos).

Mas se para ter um sindicalismo que se baste quereis verter no sindicalismo tudo o que está nos partidos, vós, comunistas, que quereis reformar a vossa modo o sindicalismo, deveis também verter nele a luta eleitoral. Se o sindicalismo não se basta a si próprio, não há nisso nenhum mal, supondo que o que está fora dele não está contra ele e contra a sua autonomia. Então os que o desejarem farão as suas próprias agrupações comunistas ou anarquistas.

E todas estas forças podem muito bem, em tudo e para tudo, entender-se com o sindicato, dar-lhe homens, e isto o que censurais aos anarquistas? Dar-lhe homens? Uma só censura deveis fazer aos partidos, e é o quereis fazer-se vossos senhores.

Losovsky disse que não há que fazer caso das fórmulas. Tem razão; mas se ele rechaça as fórmulas dos outros, permitir-nos há também rechaçar as suas.

(Continua)

## AS GREVES

### Marítimos de Longo Curso

Aos marinheiros e moços, fogueiros de terra e pessoal de câmaras da marinha mercante

Presados camaradas: Como novo na idade e mais novo ainda na vida do mar, deixem-me que lhes diga o que me vai na alma, por ver, e não só ver, sentir, também, a impotência e alívio como todos a uma, sem excepção de alguém, corresponderam e se mantem, à luz do dia e da razão, da justiça e equidade, em luta forte e austera contra os nossos exploradores (assassinos encobertos), por um bocadinho de mais bem estar!

E' assim, camaradas, sempre que tais anomalias se pratiquem, que devemos proceder, demonstrando, a todos quantos nos vêem por óculo pequeno (diminutivo), que somos grandes porque o queremos, porque nos assiste o pleníssimo direito a dentro da actual sociedade de usufruir o relativo benefício de que todos os videntes são susceptíveis, com o cumprimento, já se sabe, dos nossos deveres, porque sem eles já não teríamos a autoridade de nos impormos; e assim, vista a deficiência de vistas dos srs. armadores, sobre as tam justas reclamações vossas, que nenhum camarada, novo ou velho, de qualquer das classes em greve, desanime, desfaleça ou cometa qualquer traição, porque o mal seria desses mesmos traidores, pois que nós continuáramos ganhando, contra a expressa vontade dos sugadores do nosso sangue.

Termínio, aconselhando-vos, porque do mesmo conselho bebo a sua concepção, a que prosseguimos na luta, até que vitória seja alcançada.

Vosso pela greve.—O moço, Henrique Antonio Neves, sindicado n.º 1973 e confederado.

### NOTA OFICIOSA

Camaradas:—Não acrediteis nas notícias que alguns jornais de grande informação publicam, pois um desses jornais, com a ânsia de trazer os seus leitores em dia com o nosso movimento, dizia ontem que as classes de Longo Curso reuniriam anteontem em sessão magna.

E' mentira, camaradas! A comissão, que se conserva em sessão permanente, tem procurado alcançar o êxito indesejado das justas reclamações feitas pelas 3 classes em greve.

Continuai, camaradas, lutando por mais pão e nada de recuar perante o patronato.

Ponde os olhos nas outras classes que tem lutado e tem alcançado as suas reivindicações depois de uma luta homérica.

Belos exemplos, camaradas! Segui então o mesmo caminho.

Os marítimos de Longo Curso, que não pertencem ao número dos privilegiados, são unidos e bastante fortes para não se deixarem acorrentar por aqueles que se negam a dar-lhes uma parcela dos seus lucros constantes e fabulosos.

Camaradas: Hoje mais uma vez a grande família marítima de Longo Curso, quer sejam fogueiros, marinheiros e pessoal de câmaras, deve comparecer no maior número, pelas 15 horas, na Associação dos Caixeiros de Lisboa, a fim de ouvirem e deliberar sobre o que a Comissão de demarques vos vai apresentar.

Que nenhum camarada falte! Nada de fraquezas!

Avante, pois, camaradas pelos nossos direitos!

Viva a C. G. T. J.

Viva a Federação Marítima!

Vivam as classes em luta!

Viva o jornal A Batalha!

A Comissão

### Construção Civil de Tires e arredores

Reuniram em sessão magna os Cantelões e Cabouqueiros, para apreciar a marcha do movimento pró-aumento das cantarias.

Por um cabouqueiro foi comunicado que o industrial Marcelino Cesário dos Santos, um dos mais renitentes em atender as justas reclamações dos operários, tinha declarado que estava dispos-

to a atender as reclamações dos seus operários, mas que não queria nada com a associação.

Este procedimento foi por todos os presentes largamente discutido, sendo neste sentido aprovada uma proposta para que seja comunicado ao dito industrial que os seus operários só retomariam o trabalho quando o sindicato o determinasse, mostrando-se todos os operários dispostos a lutar até completa vitória, respeitando assim as normas sindicais.

### Em Castelo Branco

Operários corticeiros

Com a mesma atitude dos dias anteriores, prossegue a greve dos operários corticeiros de Castelo Branco, esperando que os industriais saibam cumprir os compromissos tomados com a Federação Corticeira.

Deste organismo recebemos a seguinte

### NOTA OFICIOSA

A Federação Corticeira Nacional, recebeu comunicação do Sindicato dos Operários Corticeiros de Castelo Branco, participando-lhe que a classe se havia declarado em greve por motivo dos industriais daquela cidade se terem negado a porem em execução o compromisso tomado entre esta Federação e a Associação Industrial Portuguesa, solicitando aquele sindicato a intervenção da Federação no seu movimento.

Este organismo já foi junto do Sindicato dos Corticeiros do Poço do Bispo e da Federação Marítima entabulando demarques e assentando na solidariedade imediata a prestar aos grevistas de Castelo Branco, no sentido de que o seu movimento resulte triunfante.

A Federação Corticeira põe de sobreaviso todos os sindicatos da indústria do país, a fim de que os industriais não se neguem ao compromisso tomado, exortando-os a que se conservem sempre na mais estreita solidariedade.

### No Pôrto

Operários fabricantes de calçado

PORTO, 18.—A greve dos operários da secção de máquinas da Fábrica de Calçado «Atlas», iniciada no dia 3 do corrente, prossegue inalteravelmente, apesar de o gerente, sr. Costa, para amedrontar os grevistas, ter encerrado a fábrica.

Este sr. tinha declarado a comissão que ia estabelecer uma subvenção para todo o pessoal, mesmo para os que não tinham reclamado, e quanto à reclamação, quer fizessem greve, quer não, no sábado saberiam quanto lhe aumentava.

Como os operários foram para a greve, ele e o sábado afixou nas paredes da fábrica um cartaz onde estava mencionada a cidade subvenção, e que consistia num tanto por cento sobre os salários, e a respeito do aumento reclamado nem uma palavra.

Supunha o sr. Costa, com os miseráveis centavos que aumentava, que os grevistas iam, qual docil rebanho, entrar pela fábrica dentro na 2.ª feira pela manhã.

Os grevistas é que não estiveram pelo ajuste e quando o silvo da máquina se fez ouvir na manhã de 2.ª feira, não se apresentaram ao trabalho, repellido desta maneira as migalhas que por escárnio lhe ofereciam.

Então o sr. Costa, que não contava com este gesto dos operários, enraiveceu-se, e irritadíssimo, perdendo toda a sua paciência evangélica, foi-se ao cartaz e rasgou-o, dando ordem para que a fábrica fosse encerrada por tempo indeterminado, expulsando assim os operários das outras secções, que desta forma foram obrigados a fazer causa comum com os grevistas.

Estes, porém, mantêm-se numa atitude digna de registo, e nas reuniões que tem realizado no S. U. de Calçado, Curos e Peles, afirmam que não retomam o trabalho sem que a reclamação de aumento de 3 escudos diários seja atendida, e readmitido o operário que foi despedido por causa do movimento.

Como já completou duas semanas o movimento o sindicato vai distribuir

listas de subscrição, a fim de auxiliar os mais necessitados, para que, por falta de recursos, não sejam obrigados a traír os seus camaradas.

### Em Braga

Uma vitória dos fabricantes de calçado

BRAGA, 18.—Acabou de terminar nesta cidade, com uma estrondosa vitória, a greve dos fabricantes de calçado, que ao fim de 15 dias de luta retomam o trabalho com a sua reclamação satisfeita na integra.

Esta classe há tempos a esta parte tem enchido o seu sindicato de glória, pois de todos os movimentos que tem feito deles tem saído vitoriosos, tudo indicando que num futuro muito breve esta classe marcará uma página brilhante na história do movimento operário desta cidade.

Foi uma luta iniciada com toda a energia, porque os operários já compreenderam enfim que só com a sua união e força é que conseguem ver satisfeita a sua vontade, porque os industriais o que fizeram agora podiam tê-lo feito no principio, e evitariam uma paralisação de trabalho durante 15 dias, mas quizeram apalpar o pulso aos operários e ficaram mal.

Na segunda-feira tinha-se realizado uma reunião magna da classe na sede do sindicato, para se apreciar a marcha do movimento, resolvendo-se, em virtude duma moção apresentada e que foi aprovada, que se mudasse de tática na orientação do movimento, passando-se da greve geral em que a classe se tinha mantido até ali, para a greve parcial, isto em consequência de já haver um número regular de industriais, embora de inferior categoria, que já tinham assinado a tabela do sindicato.

Na terça-feira de manhã, logo às primeiras horas, os operários dessas casas retomavam o trabalho, enquanto que os que trabalhavam para as outras que não tinham assinado — e essas eram as maiores —, entravam pelas oficinas dentro com as obras que tinham em seu poder e diziam aos seus patrões que lhes pagassem o trabalho que estava feito, porque estavam resolvidos a ir trabalhar para as casas que tinham assinado a tabela.

Os operários que mais se distinguiram nesta acção energética foram os da casa Casimiro, da rua do Souto, que lhes chegou ao ouvido que o seu patrão era o testa de ferro que mais pressão fazia para que os outros não assinassem, pelo que foram os primeiros a pôr em prática as resoluções tomadas no sindicato, seguindo-lhes o exemplo os operários das outras casas.

Os industriais, verdadeiramente desorientados com a atitude tomada pelos seus operários, começaram de lhes pedir prazos de 3 e 4 horas para resolverem o assunto, e às 17 horas desse mesmo dia os operários dessas casas entravam no sindicato com as respectivas tabelas assinadas, mandando outros industriais por empregados seus também ao sindicato as tabelas igualmente assinadas.

Como estava marcada uma reunião magna para essa hora, a sede do sindicato encontrava-se nesse momento repleta de operários, apossando-se então um entusiasmo indiscutível de toda a assistência, abraçando-se uns aos outros, cheios de alegria pela brilhante vitória que acabavam de alcançar.

Em seguida é aberta a sessão, dando todos os oradores grande expansão à sua alegria, fazendo também uso da palavra o camarada José Silva, que fez um apelo a todos os camaradas para que daqui para o futuro se organizem mais fortemente no seu sindicato, a fim de fazer dele um verdadeiro baluarte de defesa de todos os trabalhadores, e mais ainda, torná-lo apto para que possa corresponder ao seu verdadeiro fim, que é a emancipação de toda a humanidade escravizada, terminando a assembleia no meio do maior entusiasmo aos vivas à greve vitoriosa, à Batalha, e à C. G. T., dispersando em seguida cantando os hinos revolucionários, ficando a classe convidada a reunir em assembleia geral hoje, para lhes ser apresentado o relatório do delegado que foi aos congressos Operário Nacional e Corporativo.

### TEATRO SALÃO FOZ

TELEFONE 4354 NORTE

Companhia Beatriz d'Almeida — Jaime Zengilio

Grandioso sucesso da célebre peça

O AS

Chouquette — BEATRIZ D'ALMEIDA

Lemnols — SILVESTRE ALEGRI

Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

Pessoal da Imprensa Nacional.

Reúnem-se amanhã a assembleia geral para tratar de diferentes assuntos de interesse para a colectividade, tendo sido ventilado o caso das notas publicadas em A Batalha a propósito da entrega da mensagem ao conselho de administração. Pelo adiantado da hora foi a sessão interrompida, devendo prosseguir hoje às 21 horas, a discussão do mesmo assunto.

S. U. da Construção Civil. — Este sindicato convida o secretário da assembleia geral Francisco Caramelo a vir, ou mandar entregar a este organismo o livro de actas da assembleia, ou indicar por escrito onde poderá ser procurado, até ao dia 22 do p. f., sem falta.

Medidores de Cereais. — Realizou-se a assembleia geral deste sindicato deliberando concorrer com 40500 para os mineiros e metalúrgicos de Aljustrel e com 16000 para A Batalha. Foram lidos os officios das Associações dos Frangateiros e do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, sendo nomeados delegados para as sessões daqueles organismos.

S. U. Mobilário. — Em virtude de reunir hoje a Federação, fica a assembleia geral deste Sindicato transferida para a próxima terça-feira.

### CONVOCAÇÕES

Federação do Mobilário. — Consoante o Regulamento, Reúne hoje, pelas 20 horas, para assunto de inadiável resolução, com a comparecência de todos os delegados.

Federação da Construção Civil — Comissão Administrativa. — Reúne hoje, às 20 horas.

Federação Metalúrgica. — Reúne hoje, às 19,30, a comissão administrativa, e às 21 horas o conselho federal, devendo occupar-se de assuntos de subordinação, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados.

Manifesteres de calçado. — Reúne hoje a comissão administrativa, pelas 21 horas, na sede da C. G. T.

### Malas postais

Hoje são expedidas malas postais, pelo vapor «Canadá», para os Açores e New-York, e pelo «Holm», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, sendo a última tiragem da Caixa Geral, às 8 horas, para o primeiro e ao meio dia para o segundo, fechando para este os registos às 10 horas.

### Os que morrem

FUNERAIS

Com regular acompanhamento, saíu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Hermenegildo Nunes da Silva, aquele indivíduo que há dias foi morto a tiro na rua Fernandes da Fonseca, caso a que aludimos. O cadáver ficou depositado no cemitério oriental.

### TEATROS & CINEMAS

#### Chico Redondo

Escreve-nos o sr. D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo) declarando-nos ter-se desligado por completo da Companhia ou trupe Luso Brasileira de que é empresário o sr. Manuel Pinto.

Diz-nos também que a partir desta data, deixa de considerar seus discípulos a sr.ª Madalena Orrico, e os srs. Miguel e Carlos Orrico, não se responsabilizando por qualquer «fiasec» artístico que os mesmos senhores cometam à sombra do seu nome.

#### Festas artísticas

Com a última representação da linda opereta Onde canta a cotovia... realiza hoje a sua festa artística, no Coliseu dos Recreios, o aplaudidíssimo barítono Guido Checchi, fazendo a sua estreia com esta peça a distinta soprano sr.ª Carmen Mawduitt que cantará, além do seu papel, vários trechos das óperas de mais sucesso. A avaliar pelas simpatias de que goza o festejado entre os frequentadores do Coliseu, a noite de hoje deve ser de farta concorrência que lhe irá levar os aplausos a que o trabalho correcto e imparcial do notável artista tem jus. Amanhã, a pedido geral, far-se-há a última representação da magnífica opereta Agua serena.

#### Noticias

São de magnifico efeito os cenários da peça histórica de Silva Tavares, Vasco da Gama, que no dia 26 sobre a scena no teatro de S. Carlos. Foram caprichosamente pintados por Mergulhão e Salvador, Frederico Aires e Campos e Oliveira.

— Andou muito acertadamente a empresa do teatro Foz em ali fazer reviver a linda e chistosa farça O Az, em que Silvestre Alegria tem uma das suas notabilíssimas criações.

Desde a noite da afortunada «represa», os enchenches são à cunha no elegante teatro, onde hoje se repete em recita da moda.

— Estreiou-se ontem o décimo primeiro e segundo episódio do «film» A Princesa Escrava, no salão Olympia, e ainda Aventuras do famoso detective inglês William Tharps e a largal em 1 acto intitulada Bonito Charlie.

Como se sabe, o «film» em que entra o inimitável Charlie, constitue sempre um sucesso de gargalhada. Assim o magnifico artista tem neste «film» mais uma das suas glórias.

Hoje repete-se o delicioso espectáculo.

#### Reclames

E' simplesmente magistral a forma como a illustre actriz Palmira Bastos desempenha o papel de «Margarida Gautier», na «Dama das Camélias», agora em scena, pela companhia Rey Colaco-Robles Monteiro, no Politeama. Nenhum que seja um bom amante de teatro deve deixar de ir ver esse trabalho, que os restantes artistas secundam também nobremente.

— Estão afluindo ao Eden numerosíssimas famílias que tem a certeza de gozar ali um dos mais divertidos espectáculos da actualidade. «O Crime do Cochocho», sendo uma peça policial, não pertence ao número das que prevetem, mas sim enfileira entre aquelas que não corrompem, nos divertem, alegram o espirito, ao mesmo tempo que por vezes o faz vibrar sentimentamente.

— Cada vez são mais os números repetidos da fantástica revista Cigarro Brejeiro, que demonstra o êxito recrudescente que está obtendo no Apolo. Ali a concorrência é enorme, todas as noites e, a sensação produzida pela magnificência das apoteoses e pelo brilhantismo e deslumbramento do guarda-roupa, não tem limites. Hoje no Apolo repete-se o Cigarro Brejeiro, a mais atraente peça da actualidade.

### Mano postal

Vale de Vargo. — F. B. Machado. — Seguiram em 12. Avise se ainda não recebeu.

Setubal. — João Cruz. — Envie-nos o seu endereço completo.

Vale de Cavalos. — M. M. Frazão. — Será publicado na devida altura

## Lisboa na rua

### Duma janela à rua

Na enfermaria de Santa Joana do hospital de São José deu entrada Emilia Simões, de 29 anos, natural da Azambuja, doméstica, residente na rua da Guia, 12, 1.ª que caiu da janela à rua, ficando muito contusa pelo corpo.

### Sem assistência

No necrotério do Instituto de Medicina Legal deu ontem entrada Domingos Gonçalves, residente na Travessa da Finza, n.º 10, loja, que ali faleceu sem assistência.

## JUVENTUDES SINDICALISTAS



# Um pouco de tudo para todos

assídua e mais amada. Gourier es-  
tendeu a pé da senhora Mazelle, e esta  
do juiz. Enfim o capitão Jollivet e  
cila, os noivos, estavam num dos  
tremos, defronte do jovem An-  
Gourier, silencioso no outro extre-  
entre Delaveau e o padre. E Suz-  
previdente, para a melhor a-  
a mandara pôr por detraz d'ela a pe-  
nina mesa, a que presidiam os  
anos de Paulo, entre os três anos  
Nise e os três anos de Luiza, inqui-  
ambas com as suas mãos finas que  
estavam pelos prtos e pelos co-  
la. Uma criada de quarto, de resto, não  
deixava, e o serviço da mesa grande  
a feito pelos dois criados de quarto,  
dados pelo cocheiro.

Aos olhos recheados, acompan-  
com *sauterne*, entabou-se uma  
versação geral, falou-se do pão que  
fabricava em Beaclair.

—Não tenho podido habituar-  
ele, disse Boisselin. O pão de luxo  
se pode comer, eu mando vir o  
de Paris.

Tinha dito isto naturalmente, e os  
olharam com um vago respeito o  
quenos pães que comiam. Mas o  
ploráveis acontecimentos da vés-  
preocupavam os espíritos, Fernan-  
clamou:

—A propósito, sabem que ont-  
noite foi posta a saque uma padar-  
rua de Briaz?

(Continua)



